

PRIMEIRA CONDIÇÃO DE UM TRABALHO NÃO SERVIL, DE SIMONE WEIL¹

CONDITION PREMIÈRE D'UN
TRAVAIL NON SERVILE,
DE SIMONE WEIL

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i2.53419>

Tradutora

Jade Oliveira Chaia*

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/6256651921407653>

<https://orcid.org/0000-0002-7615-5610>

jade_joc@hotmail.com

Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (2022-) com período sanduíche na École Normale Supérieure - PSL de Paris (2024/2025). Mestra em Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (2020/2022). Graduada no curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021/2024). Graduada no curso de Bacharelado em Filosofia pela Universidade de Brasília (2016/2021). Bolsista Capes.

¹ Esta tradução foi financiada pelo *Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília* (DPG/UnB), conforme seleção realizada via edital DPG n. 0011/2023.

Primeira condição de um trabalho não servil"

Existe no trabalho manual [*travail des mains*] e, de forma geral, no trabalho mecânico [*travail d'exécution*], que é propriamente o trabalho em si, um elemento inescapável de servidão que mesmo uma equidade social perfeita não conseguiria eliminar. Trata-se do fato de que ele é governado pela necessidade, não pela finalidade. É executado por necessidade, e não com vista a um bem; “porque é preciso ganhar a vida”, como dizem aqueles que passam a vida nisso. É feito um esforço no final do qual, em todos os aspectos, não se terá mais do que já se tem. Sem esse esforço, perderíamos o que temos.

Mas, na natureza humana, não há outra fonte de energia para o esforço além do desejo. E não cabe ao homem desejar o que já possui. O desejo é uma orientação, um início de movimento em direção a algo. O movimento é em direção a um ponto onde não se está. Se o movimento, mal começado, se fecha sobre o ponto de partida, gira-se como um esquilo em uma gaiola, como um condenado em uma cela. Girar continua e rapidamente produz um sentimento de repulsa.

A repulsa, o cansaço e o desgosto são as grandes tentações daqueles que trabalham, especialmente se estiverem em condições desumanas, ou mesmo em outras circunstâncias. Às vezes, essa tentação atinge ainda mais intensamente os melhores.

Existir não é um fim para o homem; é apenas o suporte de todos os bens, sejam eles verdadeiros ou falsos. Os bens acrescentam-se à existência. Quando desaparecem, quando a existência não está mais adornada por nenhum bem, quando ela está nua, perde qualquer relação com o bem. Ela se torna mesmo um mal. E é nesse momento que ela se substitui a todos os bens ausentes, tornando-se em si mesma o único fim, o único objeto do desejo. O desejo da alma se vê preso a um mal nu e sem disfarce. A alma está então no horror.

II Publicação original: *La condition ouvrière*. Paris : Les Éditions Gallimard, 1951.

Esse horror é o momento em que uma violência iminente vai infligir a morte. Esse momento de horror se prolongava antigamente por toda a vida para aquele que, desarmado sob a espada do vencedor, era poupado. Em troca da vida que lhe era concedida, ele deveria, na escravidão, esgotar sua energia em esforços, durante todo o dia, todos os dias, sem poder esperar nada além de não ser morto ou açoitado. Ele não podia mais buscar nenhum bem além de existir. Os antigos diziam que o dia que o tornara escravo havia lhe tirado metade da alma.

Mas toda condição em que se está necessariamente na mesma situação no último dia de um período de um mês, um ano, vinte anos de esforços quanto no primeiro dia têm uma semelhança com a escravidão. A semelhança é a impossibilidade de desejar algo além do que se possui, de orientar o esforço para a aquisição de um bem. O esforço é feito apenas para viver.

A unidade de tempo é o dia. Nesse espaço, gira-se em círculos. Oscila-se entre o trabalho e o descanso como uma bola que é lançada de uma parede a outra. Trabalha-se apenas porque é necessário comer. Mas come-se para poder continuar a trabalhar. E, novamente, trabalha-se para comer.

Tudo é intermediário nessa existência, tudo é meio; a finalidade não se agarra em lugar algum. O objeto fabricado é um meio; ele será vendido. Quem pode encontrar o bem nele? A matéria, a ferramenta, o corpo do trabalhador, sua própria alma, são meios para a fabricação. A necessidade está em toda parte, o bem em lugar nenhum.

Não se deve procurar causas para a desmoralização do povo. A causa está lá, ela é permanente; é essencial à condição do trabalho. Deve-se buscar as causas que, em períodos anteriores, impediram que a desmoralização ocorresse.

Uma grande inércia moral, uma grande força física que torna o esforço quase insensível, permitem suportar esse vazio. Caso contrário, são necessárias compensações. A ambição de uma condição social diferente para si mesmo ou para os filhos é uma delas. Prazeres fáceis e violentos

são outra, que é de mesma natureza; é o sonho em vez da ambição. O domingo é o dia em que se deseja esquecer que existe uma necessidade de trabalho. Para isso, é preciso gastar. Deve-se estar vestido como se não se trabalhasse. É necessário obter satisfações de vaidade e ilusões de poder que a licença proporciona muito facilmente. A devassidão tem exatamente a função de um narcótico, e o uso de narcóticos é sempre uma tentação para aqueles que sofrem. Finalmente, a revolução é ainda uma compensação de mesma natureza; é a ambição transferida para o coletivo, a louca ambição de uma ascensão de todos os trabalhadores fora da condição de trabalhadores.

O sentimento revolucionário é inicialmente, para a maioria, uma revolta contra a injustiça, mas rapidamente se transforma, como se tornou historicamente para muitos, em um imperialismo operário totalmente análogo ao imperialismo nacional. Seu objetivo é a dominação absolutamente ilimitada de uma certa coletividade sobre toda a humanidade e sobre todos os aspectos da vida humana. A absurda é que, nesse sonho, a dominação estaria nas mãos daqueles que executam e que, portanto, não podem dominar.

Enquanto revolta contra a injustiça social, a ideia revolucionária é boa e saudável. Enquanto revolta contra o sofrimento essencial à própria condição dos trabalhadores, ela é uma mentira. Pois nenhuma revolução abolirá esse sofrimento. Mas essa mentira é o que tem maior influência, pois esse sofrimento essencial é sentido de maneira mais vívida, mais profunda e mais dolorosa do que a própria injustiça. Além disso, geralmente confundem-se os dois. O nome “ópio do povo” que Marx aplicava à religião pode ter se ajustado quando ela se traía a si mesma, mas é essencialmente apropriado para a revolução. A esperança na revolução é sempre um narcótico.

Os burgueses foram muito ingênuos ao acreditar que a receita certa era transmitir ao povo o objetivo que governa a própria vida deles, ou seja, a aquisição de dinheiro. Eles conseguiram isso dentro dos limites possíveis através do trabalho por peça e da expansão das trocas entre as cidades e o campo. Mas fizeram isso apenas levando a insatisfação a um grau de exasperação perigoso. A causa é simples. O dinheiro, como ob-

jetivo dos desejos e dos esforços, não pode ter, em seu domínio, as condições dentro das quais é impossível enriquecer. Um pequeno industrial, um pequeno comerciante pode enriquecer e se tornar um grande industrial, um grande comerciante. Um professor, um escritor, um ministro são indiferentemente ricos ou pobres. Mas um operário que se torna muito rico deixa de ser um operário, e o mesmo quase sempre se aplica a um camponês. Um operário não pode ser mordido pelo desejo de dinheiro sem desejar sair, sozinho ou com todos os seus camaradas, da condição de operário.

O universo onde vivem os trabalhadores recusa a finalidade. É impossível que nele penetrem fins, exceto por períodos muito breves que correspondem a situações excepcionais. A rápida urbanização de países novos, como a América e a Rússia, produz mudanças após mudanças a um ritmo tão alegre que oferece a todos, quase dia após dia, coisas novas para esperar, desejar e esperar; essa febre de construção foi o grande instrumento de sedução do comunismo russo, por efeito de uma coincidência, pois estava ligada ao estado econômico do país e não à revolução ou à doutrina marxista. Quando se elaboram metafísicas com base nessas situações excepcionais, passageiras e breves, como fizeram os americanos e os russos, essas metafísicas são mentiras.

A família fornece fins na forma de filhos a serem criados. Mas, a menos que se espere para eles uma condição diferente – e pela natureza das coisas, tais ascensões sociais são necessariamente excepcionais – o espetáculo de filhos condenados à mesma existência não impede de sentir dolorosamente o vazio e o peso dessa existência.

Esse vazio pesado causa muito sofrimento. É perceptível até para muitos daqueles cuja cultura é nula e a inteligência fraca. Aqueles que, por sua condição, não sabem o que é não podem julgar de forma justa as ações daqueles que o suportam toda a vida. Não causa a morte, mas pode ser tão doloroso quanto a fome. Talvez mais. Talvez seja literalmente verdade dizer que o pão é menos necessário do que o remédio para essa dor.

Não há escolha de remédios. Há apenas um. A única coisa que torna suportável a monotonia é uma luz de eternidade; é a beleza.

Há um único caso em que a natureza humana suporta que o desejo da alma se volte não para o que poderia ser ou o que será, mas para o que existe. Esse caso é a beleza. Tudo o que é belo é objeto de desejo, mas não se deseja que isso seja diferente, não se deseja mudar nada nele, deseja-se o que é exatamente como é. Olha-se com desejo o céu estrelado de uma noite clara, e o que se deseja é unicamente o espetáculo que se possui.

Uma vez que o povo é forçado a concentrar todo o seu desejo no que já possui, a beleza é feita para ele e ele é feito para a beleza. A poesia é um luxo para outras condições sociais. O povo precisa de poesia como de pão. Não a poesia encerrada em palavras; essa, por si mesma, não pode ser de nenhum uso para ele. Ele precisa que a substância cotidiana de sua vida seja ela mesma poesia.

Tal poesia só pode ter uma fonte. Essa fonte é Deus. Tal poesia só pode ser religião. Nenhuma artimanha, nenhum método, nenhuma reforma, nenhum abalo pode fazer com que a finalidade penetre no universo onde os trabalhadores são colocados por sua própria condição. Mas esse universo pode estar inteiramente suspenso na única finalidade que é verdadeira. Ele pode estar ligado a Deus. A condição dos trabalhadores é aquela em que a fome de finalidade, que constitui o próprio ser de todo homem, só pode ser saciada por Deus.

Esse é o seu privilégio. Eles são os únicos a possuí-lo. Em todas as outras condições, sem exceção, fins particulares se oferecem à atividade. Não há fim particular, mesmo que seja a salvação de uma ou várias almas, que não possa servir de tela e esconder Deus. É necessário, por meio do desapego, penetrar através da tela. Para os trabalhadores, não há tela. Nada os separa de Deus. Eles só precisam erguer a cabeça.

O difícil para eles é erguer a cabeça. Eles não têm, como é o caso de todos os outros homens, algo em excesso do qual precisem se livrar com esforço. Eles têm algo em excesso insuficiente. Faltam-lhes intermediária-

rios. Quando se lhes aconselha a pensar em Deus e a oferecer-Lhe suas penas e sofrimentos, ainda não se fez nada por eles.

As pessoas vão às igrejas especificamente para rezar; e, no entanto, sabemos que não poderão fazê-lo se não forem fornecidos intermediários para direcionar sua atenção para Deus. A própria arquitetura da igreja, as imagens que ela contém, as palavras da liturgia e das orações, os gestos rituais do sacerdote são esses intermediários. Ao fixar a atenção neles, ela é direcionada para Deus. Quanto mais necessária é tal mediação no local de trabalho, onde se vai apenas para ganhar a vida! Lá, tudo prende o pensamento à terra.

No entanto, não se pode colocar imagens religiosas e propor que os trabalhadores as observem. Também não se pode sugerir que recitem orações enquanto trabalham. Os únicos objetos sensíveis nos quais eles podem concentrar sua atenção são a matéria, os instrumentos e os gestos de seu trabalho. Se esses próprios objetos não se transformarem em espelhos da luz, é impossível que, durante o trabalho, a atenção esteja voltada para a fonte de toda luz. Não há necessidade mais urgente do que essa transformação.

Isso só é possível se houver na matéria, tal como ela se apresenta ao trabalho dos homens, uma propriedade refletora. Pois não se trata de criar ficções ou símbolos arbitrários. A ficção, a imaginação, o devaneio estão em lugar nenhum menos apropriados do que no que diz respeito à verdade. Mas, por sorte para nós, há uma propriedade refletora na matéria. Ela é um espelho embaçado pelo nosso hálito. Só é necessário limpar o espelho e ler os símbolos que estão escritos na matéria desde toda a eternidade.

O Evangelho contém alguns deles. Em um quarto, é necessário para pensar na necessidade da morte moral em vista de um novo e verdadeiro nascimento, ler ou repetir as palavras que dizem respeito ao grão que somente a morte torna fecundo. Mas aquele que está semeando pode, se quiser, concentrar sua atenção nessa verdade sem a ajuda de nenhuma palavra, através do próprio gesto e do espetáculo do grão que se enterra. Se ele não raciocinar a respeito, se apenas olhar para isso, a aten-

ção que ele dá ao cumprimento de sua tarefa não é obstaculizada, mas elevada ao grau mais alto de intensidade. Não é em vão que se chama atenção religiosa à plenitude da atenção. A plenitude da atenção não é outra coisa senão a oração.

O mesmo se aplica à separação da alma e do Cristo, que resseca a alma como o sarmento cortado da videira. A poda da videira dura dias e dias, nos grandes domínios. Mas também há uma verdade que pode ser observada por dias e dias sem se esgotar.

Seria fácil descobrir, inscritos desde toda a eternidade na natureza das coisas, muitos outros símbolos capazes de transfigurar não apenas o trabalho em geral, mas cada tarefa em sua singularidade. Cristo é a serpente de bronze que basta olhar para escapar da morte. Mas é necessário poder olhá-la de uma maneira completamente ininterrupta. Para isso, é necessário que as coisas sobre as quais as necessidades e obrigações da vida nos obrigam a olhar reflitam o que elas nos impedem de olhar diretamente. Seria bastante surpreendente que uma igreja construída por mãos humanas estivesse cheia de símbolos e que o universo não estivesse infinitamente pleno deles. Ele está infinitamente pleno. É necessário lê-los.

A imagem da Cruz comparada a uma balança, no hino da Sexta-Feira Santa, poderia ser uma fonte inesgotável de inspiração para aqueles que carregam fardos, manuseiam alavancas, e estão cansados à noite pelo peso das coisas. Em uma balança, um peso considerável e próximo ao ponto de apoio pode ser levantado por um peso muito pequeno colocado a uma grande distância. O corpo de Cristo era um peso bem pequeno, mas pela distância entre a terra e o céu, Ele fez contrabalançar o universo. De uma maneira infinitamente diferente, mas suficientemente análoga para servir de imagem, quem trabalha, carrega fardos, manuseia alavancas também deve, com seu corpo frágil, fazer contrabalançar o universo. Isso é muito pesado, e frequentemente o universo faz dobrar o corpo e a alma sob o cansaço. Mas aquele que se agarra ao céu fará facilmente contrapeso. Quem uma vez vislumbrou esse pensamento não pode ser distraído pela fadiga, tédio e desgosto. Só pode ser trazido de volta a ele.

O sol e a seiva vegetal falam continuamente, nos campos, do que há de mais grandioso no mundo. Não vivemos de outra coisa senão de energia solar; nós a consumimos, e é ela que nos mantém em pé, que faz nossos músculos se moverem, que opera corporalmente todos os nossos atos. Ela é talvez, sob formas diversas, a única coisa no universo que constitui uma força antagonista à gravidade; é ela que sobe nas árvores, que através de nossos braços levanta fardos, que move nossos motores. Ela provém de uma fonte inacessível e da qual não podemos nos aproximar nem mesmo um passo. Ela desce continuamente sobre nós. Mas, embora nos banhe perpetuamente, não podemos captá-la. Somente o princípio vegetal da clorofila pode captá-la para nós e transformá-la em nosso alimento. É necessário apenas que a terra seja devidamente preparada por nossos esforços; então, através da clorofila, a energia solar torna-se uma substância sólida e entra em nós como pão, como vinho, como óleo, como frutas. Todo o trabalho do camponês consiste em cuidar e servir essa virtude vegetal que é uma perfeita imagem de Cristo.

As leis da mecânica, que derivam da geometria e que comandam nossas máquinas, contêm verdades sobrenaturais. A oscilação do movimento alternado é a imagem da condição terrestre. Tudo o que pertence às criaturas é limitado, exceto o desejo em nós, que é a marca de nossa origem; e nossas cobiças, que nos fazem buscar o ilimitado aqui na Terra, são, por isso, a única fonte de erro e crime. Os bens que as coisas contêm são finitos, os males também, e, de maneira geral, uma causa produz um efeito determinado apenas até certo ponto, além do qual, se continuar agindo, o efeito se reverte. É Deus quem impõe um limite a tudo e por quem o mar é encadeado. Em Deus há apenas um ato eterno e imutável que se fecha sobre si mesmo e não tem outro objeto senão a si mesmo. Nas criaturas, há apenas movimentos direcionados para o exterior, mas que, pelo limite, são forçados a oscilar; essa oscilação é um reflexo degradado da orientação para si mesmo que é exclusivamente divina. Essa ligação tem sua imagem em nossas máquinas na junção do movimento circular e do movimento alternado. O círculo é também o lugar das médias proporcionais; para encontrar de maneira perfeitamente rigorosa a média proporcional entre a unidade e um número que não é um quadrado, não há outro método senão traçar um círculo. Os números para os quais não existe nenhuma mediação que os relacio-

ne naturalmente à unidade são imagens de nossa miséria; e o círculo, que vem de fora, de maneira transcendente em relação ao domínio dos números, trazendo uma mediação, é a imagem do único remédio para essa miséria. Essas verdades e muitas outras estão escritas no simples espetáculo de uma polia que determina um movimento oscilante; elas podem ser lidas por meio de conhecimentos geométricos muito elementares; o ritmo mesmo do trabalho, que corresponde à oscilação, as torna sensíveis ao corpo; uma vida humana é um intervalo muito curto para contemplá-las.

Podem-se encontrar muitos outros símbolos, alguns mais intimamente ligados ao comportamento próprio de quem trabalha. Às vezes, seria suficiente para o trabalhador estender a todas as coisas, sem exceção, sua atitude em relação ao trabalho para possuir a plenitude da virtude. Também há símbolos a serem encontrados para aqueles que têm tarefas de execução diferentes do trabalho físico. Pode-se encontrar para os contadores nas operações elementares da aritmética, para os caixas na instituição da moeda, e assim por diante. O reservatório é inesgotável.

A partir disso, poder-se-ia fazer muito. Transmitir aos adolescentes essas grandes imagens, ligadas a noções de ciência elementar e de cultura geral, em círculos de estudo. Propor como temas para suas festas, para suas tentativas teatrais. Instituir ao redor delas novas celebrações, por exemplo, na véspera do grande dia em que um pequeno camponês de quatorze anos ara sozinho pela primeira vez. Fazer com que, por meio delas, os homens e as mulheres do povo vivam perpetuamente imersos em uma atmosfera de poesia sobrenatural; como na Idade Média; mais do que na Idade Média; pois por que se limitar na ambição do bem?

Assim, evitar-se-ia o sentimento de inferioridade intelectual, tão frequente e às vezes tão doloroso, e também a segurança orgulhosa que às vezes a substitui após um contato leve com as coisas do espírito. Os intelectuais, por sua vez, poderiam evitar tanto o desprezo injusto quanto a espécie de deferência igualmente injusta que a demagogia havia posto na moda, há alguns anos, em certos círculos. Ambos se encontrariam, sem qualquer desigualdade, no ponto mais alto, aquele da plenitude da atenção, que é a plenitude da oração. Pelo menos aqueles que pudessem.

Os outros saberiam ao menos que esse ponto existe e representariam a diversidade dos caminhos ascendentes, a qual, ao produzir uma separação nos níveis inferiores, como faz a espessura de uma montanha, não impede a igualdade.

Os exercícios escolares não têm outra finalidade séria senão a formação da atenção. A atenção é a única faculdade da alma que dá acesso a Deus. A ginástica escolar exercita uma atenção inferior, discursiva, aquela que raciocina; mas, conduzida com um método adequado, pode preparar o surgimento na alma de outra atenção, a mais elevada, a atenção intuitiva. A atenção intuitiva, em sua pureza, é a única fonte da arte perfeitamente bela, das descobertas científicas verdadeiramente luminosas e novas, da filosofia que realmente avança em direção à sabedoria, do amor ao próximo verdadeiramente eficaz; e é ela que, voltada diretamente para Deus, constitui a verdadeira oração.

Da mesma forma que uma simbologia permitiria arar e ceifar pensando em Deus, um método que transformasse os exercícios escolares em preparação para essa espécie superior de atenção permitiria que um adolescente pensasse em Deus enquanto se dedica a um problema de geometria ou a uma tradução em latim. Na falta disso, o trabalho intelectual, sob um disfarce de liberdade, também é um trabalho servil.

Aqueles que têm tempo livre precisam, para alcançar a atenção intuitiva, exercer até o limite de sua capacidade as faculdades da inteligência discursiva; caso contrário, elas se tornam um obstáculo. Especialmente para aqueles cuja função social os obriga a fazer uso dessas faculdades, não há, sem dúvida, outro caminho. Mas o obstáculo é pequeno e o exercício pode ser reduzido a pouco para aqueles cuja fadiga de um longo trabalho diário paralisa quase totalmente essas faculdades. Para eles, o próprio trabalho que produz essa paralisia, desde que seja transformado em poesia, é o caminho que leva à atenção intuitiva.

Na nossa sociedade, a diferença de instrução produz, mais do que a diferença de riqueza, a ilusão de desigualdade social. Marx, que quase sempre é muito forte ao descrever simplesmente o mal, corretamente condenou como uma degradação a separação entre trabalho manual e

trabalho intelectual. Mas ele não sabia que, em qualquer domínio, os contrários têm sua unidade em um plano transcendente em relação a um e a outro. O ponto de unidade entre o trabalho intelectual e o trabalho manual é a contemplação, que não é um trabalho. Em nenhuma sociedade aquele que manuseia uma máquina pode exercer o mesmo tipo de atenção que aquele que resolve um problema. Mas ambos podem, igualmente, se desejarem e se tiverem um método, exercendo cada um o tipo de atenção que constitui sua parte na sociedade, promover a aparência e o desenvolvimento de outra atenção situada acima de qualquer obrigação social, e que constitui uma ligação direta com Deus.

Se os estudantes, os jovens camponeses e os jovens trabalhadores se representassem de maneira totalmente precisa, tão precisa quanto as engrenagens de um mecanismo claramente compreendido, as diferentes funções sociais como constituintes de preparações igualmente eficazes para a aparição na alma de uma mesma faculdade transcendente, que é a única que tem valor, a igualdade se tornaria uma coisa concreta. Ela seria então, ao mesmo tempo, um princípio de justiça e de ordem.

A representação completamente precisa da destinação sobrenatural de cada função social é a única que fornece uma norma para a vontade de reforma. Só ela permite definir a injustiça. Caso contrário, é inevitável que se cometam erros, seja ao considerar como injustiças sofrimentos que estão inscritos na natureza das coisas, seja ao atribuir à condição humana sofrimentos que são efeitos dos nossos próprios crimes e recaem sobre aqueles que não os merecem.

Tudo o que está indissolúvelmente ligado ao desejo ou ao medo de uma mudança, à orientação do pensamento para o futuro, deveria ser excluído de uma existência essencialmente uniforme e que deve ser aceita como tal. Em primeiro lugar, a dor física, exceto aquela que é manifestamente inevitável devido às necessidades do trabalho. Pois é impossível sofrer sem aspirar ao alívio. As privações estariam mais adequadas em qualquer outra condição social do que nessa. A alimentação, a moradia, o descanso e o lazer devem ser tais que um dia de trabalho, por si só, seja normalmente livre de sofrimento físico. Por outro lado, o supérfluo também não tem lugar nessa vida; pois o desejo do supérfluo é por si

mesmo ilimitado e implica o desejo de uma mudança de condição. Toda a publicidade, toda a propaganda, tão variada em suas formas, que busca excitar o desejo pelo supérfluo nas zonas rurais e entre os trabalhadores deve ser considerada um crime. Um indivíduo pode sempre sair da condição de trabalhador ou camponês, seja por falta radical de aptidão profissional, seja pela posse de aptidões diferentes; mas para aqueles que permanecem nessa condição, não deveria haver mudança possível de um bem-estar estreitamente limitado para um bem-estar mais amplo; não deveria haver ocasiões para temer cair a menos ou esperar alcançar mais. A segurança deveria ser maior nessa condição social do que em qualquer outra. Portanto, os caprichos da oferta e da demanda não devem dominá-la.

O arbítrio humano força a alma, sem que ela possa se defender, a temer e a esperar. Portanto, ele deve ser excluído do trabalho tanto quanto possível. A autoridade deve estar presente apenas onde é absolutamente impossível que ela esteja ausente. Assim, a pequena propriedade rural é melhor do que a grande. Portanto, em todo lugar onde a pequena é possível, a grande é um mal. Da mesma forma, a fabricação de peças usinadas em um pequeno ateliê artesanal é melhor do que a feita sob as ordens de um supervisor. Job louva a morte porque o escravo não ouve mais a voz de seu senhor. Sempre que a voz que comanda se faz ouvir quando um arranjo prático poderia substituir o silêncio, isso é um mal.

Mas o pior atentado, aquele que talvez merecesse ser assimilado ao crime contra o Espírito, que é imperdoável, se não fosse provavelmente cometido por inconscientes, é o atentado contra a atenção dos trabalhadores. Ele mata na alma a faculdade que constitui a raiz de toda vocação sobrenatural. A baixa espécie de atenção exigida pelo trabalho taylorista não é compatível com nenhuma outra, porque esvazia a alma de tudo que não seja a preocupação com a velocidade. Esse tipo de trabalho não pode ser transfigurado; deve ser eliminado.

Todos os problemas da técnica e da economia devem ser formulados em função de uma concepção da melhor condição possível de trabalho. Tal concepção é a primeira das normas; toda a sociedade deve ser cons-

tituída primeiramente de tal maneira que o trabalho não arraste para baixo aqueles que o executam.

Não basta querer evitar-lhes sofrimentos; é preciso querer-lhes a alegria. Não se trata de prazeres que têm um custo, mas de alegrias gratuitas que não comprometem o espírito de pobreza. A poesia sobrenatural que deve impregnar toda a sua vida deve também ser concentrada em estado puro, de tempos em tempos, em festas esplêndidas. As festas são tão indispensáveis a essa existência quanto os marcos quilométricos são reconfortantes para o caminhante. Viagens gratuitas e trabalhadoras, semelhantes ao Tour de France de antigamente, deveriam saciar na juventude a fome de ver e aprender. Tudo deveria ser organizado para que nada essencial lhes falte. Os melhores entre eles devem poder encontrar na própria vida a plenitude que os artistas buscam indiretamente através da sua arte. Se a vocação do homem é alcançar a alegria pura através do sofrimento, eles estão em melhor posição que todos os outros para alcançá-la da maneira mais real.

REFERÊNCIAS

WEIL, Simone. *La condition ouvrière*. Paris : Les Éditions Gallimard, 1951.

Outras traduções do grupo:

LACOUR, Philippe Claude; CHAIA, Jade Oliveira; MELO, Felipe Matos Lima; SBERVELHERI, Mariana Mendes; TEIXEIRA, Michelly Alves. Carta aos indochineses: Simone Weil. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 8, n. 15, p. 204-210, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v8i15.26176>.

THIERRY LACOUR, Philippe Claude; OLIVEIRA CHAIA, Jade; ALVES TEIXEIRA, Michelly; MATOS LIMA MELO, Felipe; MENDES SBERVELHERI, Mariana; MUCURY TEIXEIRA, Manuella; RANDAL E ZITTI, Sèdjro Crédo. Sobre a questão colonial e a sua relação com o destino do povo francês. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 9, n. 17, p. 226–254, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v9i17.29781>

LACOUR, Philippe; OLIVEIRA CHAIA, Jade; MATOS LIMA MELO, Felipe; MENDES SBERVELHERI, Mariana; MUCURY TEIXEIRA, Manuella; ALVES TEIXEIRA, Michelly; CEPPAS, Filipe. “O Marrocos ou a prescrição em termos de roubo” de Simone Weil. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 8, n. 2, p. 429-433, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/rfmc.v8i2.34285>.

OLIVEIRA CHAIA, Jade; ALVES TEIXEIRA, Michelly; LACOUR, Philippe. Quem é o culpado pelas iniciativas antifrancesas?. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 9, n. 18, p. 433–442, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v9i18.30526>

OLIVEIRA CHAIA, Jade; ALVES TEIXEIRA, Michelly; THIERRY LACOUR, Philippe Claude. “O Sangue Corre na Tunísia” de Simone Weil. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 8, n. 3, p. 293–295, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/rfmc.v8i3.35091>.

OLIVEIRA CHAIA, Jade; ALVES TEIXEIRA, Michelly; THIERRY LA-COUR, Philippe Claude. Esses membros palpitantes da pátria. *PÓLE-MOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 10, n. 19, p. 279–292, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v10i19.35005>.

Recebido em 07 de abril de 2024

Aprovado em 10 de maio de 2024

Publicado em 13 de dezembro de 2024